

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM *THE ZOO STORY*: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

Fernanda Frio
Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil
fernandasfrio@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca mostrar como se dá a interação das personagens Peter e Jerry na peça *The Zoo Story*, de Edward Albee, tomando como aporte teórico a linguística sistêmico-funcional. Foram analisadas e quantificadas as trocas de informação e de bens e serviços e do recurso à modalidade nas falas das personagens, bem como dos tipos de processo associados a cada uma nas rubricas do texto, de modo a observar como se deu a construção dessas personagens e a dinâmica de sua interação ao longo da peça. A contabilização das funções atribuídas ao Finito mostrou que as personagens deram primazia a localizar aquilo que expressavam no tempo e no espaço; no entanto, os casos de modalidade e de modalização e modulação elucidaram um forte contraste na personalidade de ambas, reflexo de suas diferentes condições socioeconômicas. Finalmente, as manifestações das personagens no plano físico, através da quantificação dos tipos de processos associados a elas, serviram para mostrar as atitudes de cada uma com relação a sua contraparte, atitudes essas nem sempre manifestadas verbalmente, daí a utilidade de observar os processos que guiam as rubricas do texto. Este trabalho busca elucidar algumas propriedades das metafunções experiencial e interpessoal da LSF e mostrar como ela pode ser aplicada à análise do texto literário, revelando aspectos não somente formais do texto, mas também a maneira como as personagens são construídas em relação umas às outras.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-funcional. Metafunção Interpessoal. Metafunção Experiencial. *The Zoo Story*. Edward Albee.

Abstract

This paper seeks to show how the interaction between the characters Peter and Jerry takes place in the play *The Zoo Story*, by Edward Albee, taking systemic-functional linguistics as a theoretical contribution. The exchanges of information and goods and services and the use of modality in the characters' dialogues were analyzed and quantified, as well as the types of process associated with each one in the performance rubrics, in order to observe the construction of these characters and the dynamics of their interaction throughout the play. The accounting of the functions attributed to Finite showed that the characters gave priority to locating what they expressed in time and space; however, modality and modulation cases elucidated a strong contrast in the personality of both, reflecting their different socioeconomic conditions. Finally, the physical manifestations of the, through the quantification of the types of processes associated with them, served to show the attitudes of each one in relation to their counterpart, attitudes not always manifested verbally, hence the utility of observing the processes that guide the text rubrics. This paper seeks to elucidate some properties of the experiential and interpersonal metafunctions and to show how they can be applied to the analysis of the literary text, revealing not only formal aspects of the text but also the way the characters are constructed in relation to one another.

Key-words: Systemic-functional Linguistics; Interpersonal Metafunction. Experiential Metafunction. *The Zoo Story*. Edward Albee.

Introdução

O modelo de análise da linguística sistêmico-funcional (doravante LSF) oferece a possibilidade de se trabalhar a linguagem a partir de três perspectivas, quais sejam, da oração como representação, como troca ou como mensagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Essas três abordagens fazem referência às funções que a

língua desempenha, chamadas nesse modelo de metafunções. As metafunções são codificadas através de três sistemas: sistema de transitividade, de modo e de informação (NEVES, 2004). O sistema de transitividade está ligado à *metafunção experiencial* – também chamada de ideacional –, que codifica a representação do mundo, através dos papéis de participantes, processos e circunstâncias; o sistema de modo está associado à *metafunção interpessoal*, que constrói as trocas entre os interagentes do discurso, fazendo recurso às funções de sujeito, finito, predicador, complemento e adjunto; o sistema de informação integra-se à *metafunção textual*, que organiza a mensagem através da estrutura temática e de recursos coesivos.

Neste trabalho, será analisada a peça *The Zoo Story*, de Edward Albee (1997), através dos recursos de análise oferecido pelas metafunções interpessoal e experiencial. A trama de *The Zoo Story* gira em torno das personagens Peter e Jerry, que se encontram no Central Park em Nova Iorque. Peter é um executivo de classe média que trabalha para uma editora, é casado e tem duas filhas. Jerry é um homem solitário, desesperado por ter uma conversa com alguém, e acaba com o sossego de Peter ao enchê-lo de perguntas e forçá-lo a ouvir histórias sobre a sua vida. Jerry entabula uma conversa ao comentar com Peter que esteve no zoológico. Em um primeiro momento, fica-se conhecendo mais a respeito de Peter, através das insistentes perguntas de Jerry, respondidas a contragosto por seu interlocutor. Jerry consegue instigar Peter ao convencê-lo a ouvir sua história, prometendo que ao final de seu relato vai revelar por que foi ao zoológico e o que viu por lá, e o que se segue é uma extensa narrativa na voz de Jerry, através da qual o leitor fica conhecendo sua condição marginal desfavorecida, um contraponto à condição de Peter, que leva uma vida pacata e dentro dos padrões socialmente impostos. Em um desfecho trágico, Jerry induz Peter a mata-lo, e este se vê obrigado a fugir, com a garantia de que Jerry não irá denunciá-lo caso alguém o encontre ainda vivo.

A trama de Edward Albee trata de temas delicados como o isolamento e a individualidade resultados da vida urbana, diferenças de classe social, que se refletem na forma como as duas personagens enxergam o mundo e na dificuldade de comunicação

que encontram por vezes durante sua conversa, e finalmente o tema da sexualidade alternativa – Jerry descreve em um momento da peça suas experiências homossexuais –, ainda muito controverso à época de escrita da peça, o ano de 1958.

A análise desta obra, sob a perspectiva da metafunção interpessoal, busca verificar como se dá a interação entre as duas únicas personagens que compõem a peça, através da troca de informações e bens e serviços que acontece entre elas, se as personagens dão primazia a situar sua fala com relação ao tempo presente ou com relação a sua própria opinião e subjetividade – neste caso, também de que forma o fazem – e se elas se expressam através de metáforas ou orações projetadas (discurso direto e indireto).

Pelo viés da metafunção experiencial, o foco são os tipos de processos que aparecem nas rubricas da peça, isto é, na parte do texto que não é compreendida por diálogos, para mostrar como Peter e Jerry se manifestam fisicamente durante a interação.

Este trabalho objetiva, portanto, elucidar algumas propriedades da análise lexicogramatical do texto teatral – sob a ótica da LSF, mostrando como acontecem as trocas entre as personagens e como elas se situam diante dos eventos que narram e diante de si próprias e de seu interlocutor.

1. A linguística sistêmico-funcional e as metafunções interpessoal e experiencial

A LSF é uma abordagem sistêmica porque trata da língua enquanto uma rede de sistemas interligados, em que as escolhas feitas pelos usuários da língua são dotadas de significado, pois refletem sua intenção e buscam adequar-se ao contexto de produção. Conforme Thompson (2004: 7-8):

(...) entender como uma mensagem se encaixa em seu contexto claramente faz parte do significado, assim como a diferença entre uma declaração e uma pergunta faz parte do significado (...). Se você tem motivos para fazer (dizer) alguma coisa, daí se supõe que você poderia ter feito (dito) outra coisa caso os motivos (o contexto) fossem diferentes.¹

As escolhas feitas dentro de cada nível do sistema abrem margem para que surjam novas escolhas, as quais se combinam para criar significado. Por exemplo: o uso de uma oração no modo indicativo abre para o usuário a escolha entre uma oração declarativa ou uma oração interrogativa. Escolhendo a interrogativa, o falante ainda pode optar por uma interrogativa polar – uma pergunta que exige uma resposta sim/não – ou pode iniciar a oração com um elemento *qu-* interrogativo, solicitando de seu interlocutor uma resposta mais específica (THOMPSON, 2004). Essa abordagem também é chamada funcional porque trabalha com funções, e não categorias gramaticais estáticas.

O diferencial da abordagem sistêmico-funcional com relação a outras abordagens formais e funcionais é o fato de ela conceber a linguagem como socialmente determinada, isto é, levar em conta o contexto cultural mais amplo e o contexto imediato das situações comunicativas específicas, isto é, o contexto de situação (FUZER e CABRAL, 2014). A LSF, conforme Halliday e Matthiessen (2014), é um modelo abrangente, visto que quando se fala de qualquer aspecto seu, este deve ser compreendido com referência ao todo e também contribui com ele. Essa abordagem funcional dá conta do caráter dinâmico e mutável da língua.

A chamada gramática sistêmica é interpretada nos termos das três metafunções (NEVES, 2004). As metafunções experiencial e interpessoal refletem as funções básicas da linguagem: dar sentido à nossa experiência e estabelecer relações sociais. A metafunção textual dá conta de organizar os significados em uma estrutura e criar um

¹ “(...) understanding how the present message fits in its context is clearly part of the meaning, just as the difference between a statement and a question is part of the meaning (...). If you have reasons for doing (saying) one thing, the implication is that you could have done (said) something else if the reasons (the context) had been different”.

fluxo discursivo coerente. Nas palavras de Halliday (1994: xiii apud RODRIGUES-JÚNIOR, 2006):

Todas as línguas se organizam em torno de dois tipos principais de significado: o ‘ideacional’ ou reflexivo, e o ‘interpessoal’ ou ativo. Esses componentes, chamados de ‘metafunções’ (...) são a manifestação, no sistema linguístico, de dois propósitos muito gerais subjacentes a todos os usos da linguagem: (i) entender o ambiente (ideacional) e (ii) agir sobre outrem nesse ambiente (interpessoal). Associado a estes está um terceiro componente metafuncional, o ‘textual’, que confere relevância aos outros dois.²

A premissa fundamental da metafunção experiencial é transformar a experiência em significado. Nessa perspectiva, o foco recai sobre o conteúdo da mensagem, ao invés do propósito do falante, aspecto de que a metafunção interpessoal dá conta. Em termos funcionais, fala-se de participantes envolvidos em processos – que são o núcleo da oração – que ocorrem em determinadas circunstâncias (THOMPSON, 2004). O processo geralmente é representado pelo grupo verbal ou por outros elementos além desse grupo, e reflete fatos tanto da experiência externa quanto da experiência interna do falante. Além disso, é possível que o falante relacione fragmentos de sua experiência através de processos de identificação e caracterização (FUZER e CABRAL, 2014). Em torno de cada tipo de processo, situam-se também tipos diferentes de falantes.

Esses três tipos principais de processo são chamados processos materiais, mentais e relacionais. Processos materiais são aqueles que envolvem ações físicas, concretas. Por exemplo³:

2 “All languages are organized around two main kinds of meaning, the ‘ideational’ or reflective, and the ‘interpersonal’ or active. These components, called ‘metafunctions’ (...) are the manifestation in the linguistic system of the two very general purposes which underlie all uses of language: (i) to understand the environment (ideational), and (ii) to act on the others in it (interpersonal). Combined with these is a third metafunctional component, the ‘textual’, which breathes relevance into the other two”

3 Todos os exemplos foram retirados do corpus utilizado neste trabalho.

“[PETER *shakes* his head.]”

“[PETER *balança* a cabeça.]”⁴

“[He *pokes* PETER on the arm.]”

“[Ele *cutuca* o braço de PETER.]”

Processos mentais referem-se a eventos do universo interior da mente:

“[PETER doesn’t *notice*.]”

“[PETER não *percebe*.]”

Processos relacionais são processos taxonômicos de identificação e classificação, que identificam entidades em termos de “x é igual a y” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014):

“[PETER *is* quiet now.]”

“[PETER *está* quieto agora.]”

“[JERRY *is* animated, but PETER *is* disturbed.]”

“[JERRY *está* animado, mas PETER *está* incomodado.]”

Esses tipos principais de processos encontram três tipos secundários em suas fronteiras: processos comportamentais, situados entre processos materiais e mentais, processos verbais, localizado entre processos mentais e relacionais, e processos existenciais, que aparecem na fronteira entre processos relacionais e materiais. Processos comportamentais se relacionam com processos fisiológicos (THOMPSON, 2004):

⁴ A análise foi feita usando como corpus o texto em inglês; os exemplos foram traduzidos para melhor elucidar a análise.

“[PETER look blank for a moment, then *laughs*.]”

“[PETER fica aturdido por um momento, depois *ri*.]”

“[JERRY *sighs* the next word heavily.]”

“[[JERRY *suspira* pesadamente para pronunciar a próxima palavra.]

Processos verbais são dizeres, atividades linguísticas (FUZER e CABRAL, 2014):

“JERRY: [his eyes still closed, he shakes his head and *speak*]”

“JERRY: [seus olhos ainda fechados, ele faz que sim com cabeça e *fala*]”

Processos existenciais somente reconhecem a existência de uma entidade, são processos de estar/existir no mundo.

Além de construir verbalmente suas experiências de mundo, os usuários da língua também a utilizam para interagir com outros falantes, e é dessa interação que dá conta a metafunção interpessoal. Conforme Halliday e Matthiessen (2004), o falante (ou escritor), ao se expressar, atribui a si mesmo e ao seu ouvinte (ou leitor) papéis de fala – por exemplo, ao fazer uma pergunta, adota o papel de pessoa que busca informação e atribui ao interlocutor o papel de detentor dessa informação –, que vão se intercalando ao longo do discurso. Os tipos fundamentais de papéis de fala são, portanto, os de dar e receber, e as “mercadorias” trocadas podem ser informação (produto verbal) ou bens e serviços (produto não verbal, ação). Essas duas variáveis determinam as quatro principais funções de fala: oferta, comando, declaração e pergunta (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). A oferta de informação e de bens e serviços é realizada⁵ por orações no modo declarativo, a demanda de informação opera através de orações no

⁵ O termo “realização” é utilizado aqui e ao longo do restante do texto com o sentido de manifestação fonológica ou grafológica do significado.

modo interrogativo e a demanda de bens e serviços realiza-se por meio de orações imperativas:

“JERRY: Let me tell you about why I went...” [oferta]

“JERRY: Deixe eu explicar por que fui até lá...”

“(...) and stopp hitting me.” [comando]

“(...) e pare de me bater.”

“JERRY: I’ve been to the zoo.” [declaração]

“JERRY: Eu fui ao zoológico.”

“Have I been walking north?” [pergunta]

“Estou indo para o norte?”

As funções de fala são realizadas pelo sistema de Modo⁶, que combina as funções de Sujeito e Finito. O Sujeito, aqui, apesar de análogo ao da gramática tradicional, é reinterpretado em termos funcionais; o Finito é “o primeiro elemento funcional do grupo verbal”⁷ (THOMPSON, 2004: 49), e pode indicar três coisas acerca da validade de uma proposição: (i) tempo – qual a validade da proposição para o tempo presente ou se ela pode ocorrer no futuro ou ocorreu no passado –, (ii) polaridade – se a validade da proposição é assertiva ou negativa – e (iii) modalidade – o grau de validade, a “força” da proposição; não havendo modalidade, a validade é assegurada (THOMPSON, 2004). O Sujeito, assim, é a entidade à qual se atribui a responsabilidade pela validade ou não de determinada proposição:

6 Distinção entre modo – letra minúscula, que diferencia os tipos de oração – e Modo – letra maiúscula, que é a união do Sujeito com o Finito e realiza as escolhas de modo (THOMPSON, 2004).

7 “(...) the first functional element of the verbal group”.

- (i) “We’ll have no more children.”
“Não teremos mais filhos.”

- (ii) “It isn’t a law, for God’s sake.”
“Não é uma lei, pelo amor de Deus.”

- (iii) “The smell of her body and her breath ... you *can’t* imagine it...”
“O cheiro do corpo e o hálito dela... você não pode imaginar...”

Quando um falante recorre à modalidade para expressar uma opinião ou ponto de vista, ele pode fazê-lo em diferentes graus de assertividade, seja através de modalização, que indica fatores como probabilidade e usualidade, e ocorre na troca de informação, ou de modulação, que expressa obrigatoriedade ou inclinação na troca de bens e serviços (FUZER e CABRAL, 2014). A modalidade pode se dar através de operadores modais ou de Adjuntos de Modo:

“And, I wondered if I *mightn’t* overcome this antipathy.” [probabilidade]

“E eu fiquei pensando se eu não *poderia* reverter essa antipatia.”

“I *always* hear her crying, muffled, but ... very determined.” [usualidade]

“*Sempre* a ouço chorar. É um choro abafado, mas... muito determinado.”

“Well, you *may* not be, but I *must* be getting home soon.” [obrigatoriedade]

“Você talvez não, mas eu *tenho que* ir para casa logo.”

“I’d *rather* not talk about these things.” [inclinação]

“*Prefero* não falar sobre essas coisas.”

É possível, ainda, atribuir valor ao que se diz, em uma escala de valor alto, médio e baixo, e o falante pode optar por expressar seu ponto de vista de forma subjetiva, objetiva, explícita ou implícita (THOMPSON, 2004).

O restante da oração, sucedido pelo Modo, é chamado de Resíduo, que é composto pelo Predicador, o grupo verbal que sucede o Finito, pelo Complemento, que é realizado por um grupo nominal, ao qual poder-se-ia atribuir responsabilidade modal, portanto, poderia ocupar o papel de Sujeito, e pelo Adjunto, realizado por um grupo adverbial que indica modo, tempo, causa, etc.

2. Projeção e metáfora gramatical

Ainda que, conforme Halliday e Matthiessen (2014), a unidade central de processamento da gramática sistêmico-funcional seja a oração, é possível observar relações entre orações que compõem complexos oracionais, das quais se podem depreender novas nuances de significado. Segundo Thompson (2014), a projeção é uma relação lógico-semântica em que oração projeta outra de forma a indicar que ela é secundária ou que o que ela diz já foi dito anteriormente. Isso é feito por meio do uso de discurso direto e indireto:

“I wanted to say: ‘No, not really; it's part of a plan to poison a dog I know.’”

“Tive vontade de dizer: Na verdade, não; é pra matar um cachorro que eu conheço com veneno.

“She said that I was a liar, and that I probably wanted the dog to die.”

“Ela me chamou de mentiroso, e disse que eu provavelmente queria que o cachorro morresse.”

Esse recurso foi escolhido para fazer parte na análise devido à sua recorrência ao longo do texto e por sua relevância na interação entre as personagens.

A chamada metáfora gramatical é definida por Thompson (2004: 220) como a “possibilidade de se reconfigurar as relações entre os significados e palavras”⁸. Ao passo que o conceito tradicional de metáfora é caracterizado pela variação do significado de uma palavra, o conceito hallidayano distingue-se pela variação na forma de expressão de um determinado significado, ou seja, diferentes recursos do sistema linguístico para expressar significado, em que a metáfora lexical pode ser considerada um subtipo da metáfora gramatical.

A metáfora gramatical pode ser interpessoal ou experiencial. A metáfora interpessoal, segundo Matthiessen et al. (2010), é um recurso para promover novos papéis sociais e novas relações entre interagentes. A metáfora interpessoal opera no todo da oração, e se dá em função de uma discrepância entre o Modo e os papéis discursivos:

“JERRY: You're married!

PETER: [with pleased emphasis] Why, certainly.

(...)

JERRY: And you have a wife.

PETER: [bewildered by the seeming lack of communication] Yes!

JERRY: And you have children.

PETER: Yes; two.”

“PETER [em um tom satisfeito]: Bem, é claro.

JERRY: Não é uma lei, pelo amor de Deus.

PETER: Não... não, claro que não.

JERRY: E você tem uma esposa.

PETER [aturdido com a aparente falta de comunicação]: Sim!

JERRY: E você tem filhos.

PETER: Sim; dois.”

8 “(...) possibility of re-setting the relationships between meanings and wordings”.

No fragmento acima, o personagem Jerry está exercendo o papel de demandante de informação; no entanto, ao invés de se utilizar de orações no modo interrogativo para obter as informações que deseja, ele faz suas perguntas no modo declarativo, indicando que supõe que aquilo que está expressando seja verdade, mas esperando, não obstante, a confirmação do detentor dessas informações.

Matthiessen et al. (2010) afirmam que, quando se trata de metáforas experienciais, a tendência é que a realização seja compactada e torne-se menos explícita, através do uso de uma forma nominal para expressar o significado de um processo.

3. Metodologia de análise

Sob a perspectiva da metafunção interpessoal, buscou-se analisar a interação das personagens através da quantificação dos dados presentes nos diálogos da peça, relativos aos papéis de fala, isto é, o número de ocorrências de oferta/demanda de informação/bens e serviços, aos aspectos expressos pelo Finito, quais sejam tempo, modalidade e polaridade e, havendo modalidade, quando foi o caso, das ocorrências de modalização e modulação e seus respectivos graus de expressão – probabilidade, usualidade, obrigação e inclinação.

Pelo viés da metafunção experiencial, foram quantificados os dados relativos aos tipos de processo presentes nas rubricas do texto, ou seja, nas indicações de movimento e posicionamento das personagens.

Também foram quantificadas as ocorrências de orações projetadas e metáforas gramaticais na fala das personagens.

A anotação dos componentes interpessoais foi feita utilizando-se um código numérico de seis dígitos criado especialmente para este trabalho, e organizado da seguinte forma: na posição *a* foram indicados os papéis de fala (1-oferta de informação, 2-demanda de informação, 3-oferta de bens e serviços, 4-demanda de bens e serviços); no dígito *b* indicava-se a função do Finito, se ele expressava tempo (dígito 1) ou modalidade (dígito 2); o dígito *c* compreendeu, quando foi o caso, as ocorrências de

modulação (dígito 1) e modalização (dígito 2), e o dígito *d* seus graus de expressão (1-probabilidade, 2-usualidade, 3-obrigatoriedade, 4-inclinação); o dígito *e* indicava se a polaridade da oração era positiva (dígito 1) ou negativa (dígito 2); por fim, no dígito *f*, indicou-se qual das personagens era responsável pela oração (1-Peter, 2-Jerry). Observe-se o exemplo:

“We have to know the effect of our actions <122312> .”

“Devemos conhecer os efeitos de nossos atos.”

No excerto acima, o código é interpretado como uma oferta de informação, expressa através de modalidade, fazendo recurso à modulação, expressando obligatoriedade, de forma assertiva, pela personagem Jerry. Esse modelo de anotação foi baseado no modelo numérico CROSF (Código de Rotulação Sistêmico Funcional), desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FEITOSA, 2005).

A anotação dos tipos de processos e de projeção e metáfora foi manual, apenas abreviando-se o nome por extenso de cada rótulo. Não houve necessidade de criar um código porque as ocorrências eram menores com relação às demais. O nome por extenso desses elementos foi somente abreviado para constituir o rótulo:

Processo material	<mat>
Processo mental	<ment>
Processo relacional	<rel>
Processo comportamental	<comp>
Processo verbal	<verb>
Processo existencial	<exist>
Projeção	<proj>
Metáfora	<met>

Ao lado direito da abreviação do dado anotado, ainda dentro dos parênteses angulares (< >), eram colocadas a letra p, caso Peter fosse o locutor, ou a letra j, caso Jerry estivesse falando.

A contabilização dos dados foi feita utilizando o software *Antconc 3.4.3*, ferramenta que possibilita não apenas quantificar os dados, mas também fazer buscas pontuais por rótulos específicos – é possível realizar uma busca somente por orações polares negativas, por exemplo, digitando o número 1 na posição *e* e pontos de interrogação (?) nas demais posições – e ter acesso aos trechos do texto em que o(s) rótulo(s) selecionado(s) aparece(m). Ademais, podem ser gerados gráficos que mostram em quais pontos do texto determinado rótulo se concentra.

4. Resultados e conclusão

O primeiro passo a ser realizado na comparação dos julgamentos das personagens foi avaliar os papéis de fala desempenhados por cada um (TAB. 1):

	PETER	JERRY
Oferta de informação	254	895
Demanda de informação	34	96
Oferta de bens e serviços	0	4
Demanda de bens e serviços	46	88

Tabela 1 Ocorrência de oferta/demanda de informação/bens e serviços

A personagem Jerry é quem conduz os diálogos ao longo de toda a peça, visto que Peter, seu interlocutor, não demonstra interesse no que ele tem a dizer. A demanda de informação por parte de Jerry se concentra principalmente no trecho inicial da peça, quando ele busca saber mais sobre Peter, que hesita em manter um diálogo, mas fornece a Jerry as informações que ele solicita. Além disso, Peter também faz algumas perguntas no início da interação, em uma tentativa desconcertante de disfarçar seu desinteresse.

A alta recorrência de oferta de informações de Jerry se dá de maneira constante ao longo de mais da metade da peça, em trechos extensos em que Jerry conta sua história de vida ao seu interlocutor e aos leitores de *The Zoo Story*. Nos quatro casos em que Jerry oferece bens e serviços, ele começa sua fala com a expressão “*Let me tell you (about) why...*”, buscando chamar a atenção de Peter com uma pergunta não respondida, para a qual ele oferecerá uma resposta posteriormente.

Quanto à demanda de bens e serviços, tanto no caso de Jerry quanto no de Peter, ela acontece no trecho final da peça, em que ambos se envolvem num embate pelo banco em que Peter encontra-se sentado desde o início da peça. Jerry começa a agredir Peter, ordenando que ele saia do banco, e Peter, com crescente irritação, exige que Jerry pare de agredi-lo e vá embora.

As perguntas que Jerry faz a Peter e o relato de sua própria história revelam que Jerry se encontra em uma posição marginal na sociedade: não tem família, não se sabe qual sua profissão ou se ele sequer tem uma profissão e revela tendências homossexuais. Peter, por sua vez, é casado, tem filhos e um emprego que lhe rende um alto salário. Apesar de sua posição marginal, Jerry busca questionar o mundo em que vive, ao passo que Peter não sente necessidade de questionar seu próprio modo de vida, como fica claro no trecho a seguir:

“JERRY: You're married!

PETER: [with pleased emphasis] Why, certainly.

JERRY: It isn't a law, for God's sake.”

“JERRY: Você é casado!

PETER [em um tom satisfeito]: Bem, é claro.

JERRY: Não é uma lei, pelo amor de Deus.

No final da peça, Jerry e Peter se engajam em um embate que resulta na morte de Jerry, o que retira Peter de sua posição confortável e certamente o levará adotar o caráter questionador de seu locutor.

Esse fluxo de oferta e demanda de informações e bens e serviços é expresso, em sua maior parte, em termos de tempo e de forma assertiva, conforme a tabela abaixo (TAB. 2), que mostra as funções desempenhadas pelo Finito na fala de cada personagem:

	PETER	JERRY
Tempo	317	1032
Modalidade	17	51
Polaridade positiva	270	928
Polaridade negativa	52	155

Tabela 2 Função do Finito e polaridade

Esses resultados mostram que ambas as personagens preferem expressar-se nos termos do tempo daquilo que relatam com relação ao tempo presente, ao invés de manifestar seus julgamentos. Ademais, optam por fazê-lo, na maior parte do tempo, de forma assertiva. Nos casos de modalidade, quando houve modalização ou modulação, o aspecto mais recorrente quanto à validade das proposições foi a obrigatoriedade (TAB. 3):

	PETER	JERRY
Probabilidade	0	10
Usualidade	0	1
Obrigaçã	12	32
Inclinaçã	2	0

Tabela 3 Grau de validade das proposições

Essa obrigatoriedade, na fala de Jerry, foi usada como recurso para mostrar a Peter que estava seguro da veracidade de suas proposições e não abrir margem para questionamentos. Peter, no entanto, se expressou de forma menos peremptória, atribuindo um baixo grau de validade àquilo que propunha:

“You *must* believe me; it is important. We *have* to know the effect of our actions.”

“Você *tem* que acreditar em mim; é importante. *Devemos* conhecer os efeitos de nossos atos.”

“PETER: I really *should* get home; you see...”

“PETER: Eu *devia* ir pra ir casa porque...”

Esse contraste reforça o caráter peremptório de Jerry que, apesar de estar em uma posição social desfavorecida com relação a Peter, tem opiniões mais firmes do que as de seu ouvinte, que se expressa de maneira menos direta, mais polida e mais hesitante.

Quanto ao uso de metáforas e orações projetadas, estas também são mais recorrentes na fala de Jerry, como mostra a tabela 4 (TAB. 4):

	PETER	JERRY
Metáfora	2	20
Projeção	1	28

Tabela 4 Ocorrência de metáforas e orações projetadas

Peter usa uma oração declarativa com o intuito de fazer uma pergunta a Jerry, num primeiro momento da peça, e uma oração no modo imperativo para oferecer uma informação a Jerry. A oração projetada é utilizada como recurso para enfatizar sua própria fala, em um momento de conflito entre as personagens:

“PETER: Oh; you live in the Village!

JERRY: No, I don't.”

“PETER: Ah, você mora no Village!

“JERRY: Não, não moro.”

“Go away, I said.”

“Eu disse para ir embora.”

Jerry utiliza metáforas de duas formas: fazendo declarações para pedir informação e fazendo perguntas para antecipar uma oferta de informação. As orações projetadas também aparecem em grande número, reportando de forma direta e indireta suas próprias falas e as falas de outrem:

“JERRY: And you threw them away just before you got married.

PETER: Oh, now; look here. I didn't need anything like that when I got older.”

“JERRY: E você as jogou fora pouco antes de se casar.

PETER: Escute aqui: eu não precisei de nada disso quando fiquei mais velho.”

“I mean, what was she? A stiff ... a northern stiff.”

“Quer dizer, o que ela era? Um cadáver... um cadáver do norte.”

“(...) so I said, a little too loud, I'm afraid, and too formally: YES, A BITE FOR MY PUSSYCAT.”

“(...) então eu disse, creio que um pouco alto e formal demais: SIM, É PARA O MEU GATO.”

Quanto aos tipos de processos associados a cada personagem, houve maior número de processos materiais e comportamentais, como mostra a tabela 5 (TAB. 5):

	PETER	JERRY
Material	34	36
Mental	0	0
Relacional	6	6
Comportamental	38	22
Verbal	1	0
Existencial	0	0

Tabela 5 Tipos de processos associados às personagens

O que se nota ao longo da peça é que Peter se manifesta fisicamente com maior frequência do que Jerry; os processos materiais e comportamentais relacionados a Jerry são, em sua maioria, verbos de movimento, ao passo que aqueles associados a Peter são verbos que indicam protesto, mostrando o desconforto da personagem diante da fala de seu locutor, ou movimentos que visam a afastá-lo, mostrando desinteresse em manter um diálogo. A única ocorrência de processo verbal está associada a Peter, através do verbo *speak*, e os verbos relacionais indicam o estado em que as personagens se encontram:

“JERRY: [stands for a few seconds, looking at PETER]”

“JERRY: [se levanta por alguns segundos, olhando para PETER]”

“PETER: [looks up, a little annoyed, then smiles]

“PETER: [olha pra cima, um pouco irritado, depois sorri]

“[JERRY is animated, but PETER is disturbed.]”

“[JERRY está animado, mas PETER está incomodado.]”

Conclusão

Os resultados descritos aqui buscaram elucidar algumas propriedades das metafunções experiencial e interpessoal da LSF e mostrar como ela pode ser aplicada à análise do texto literário, revelando aspectos não somente formais do texto, mas também características das personagens e de que maneira essas personagens se situam no mundo e diante de dos outros.

A análise dos papéis de fala serviu ao propósito de mostrar como se deu a troca de informações e bens e serviços ao longo do texto, e os dados revelaram que, em sua maioria, as trocas foram bem sucedidas.

Buscou-se também contribuir para as abordagens discursivas aos Estudos da Tradução, bem como para a Análise do Discurso de cunho sistêmico-funcional, abrindo caminhos para novas pesquisas que aliem LSF ou quaisquer outras pesquisas de viés discursivo aos Estudos da Tradução. É possível, por exemplo, ainda trabalhando com o texto de Albee, analisar a estrutura temática na fala das personagens, observando como elas organizam sua mensagem para organizar o fluxo discursivo. Como se trata de um texto que busca reproduzir a linguagem falada e há vários trechos narrados, especialmente aqueles associados a Jerry, é possível verificar como são empregados mecanismos de coesão para manter uma ligação lógica entre as sentenças. Além disso, os resultados encontrados podem ser associados à forma como as personagens são construídas em termos de suas respectivas classes sociais opostas, contrastando a construção do discurso por cada uma.

A contabilização das funções atribuídas ao Finito mostrou que as personagens – principalmente Jerry, o condutor da interação – deram primazia a localizar aquilo que expressavam no tempo e no espaço; no entanto, os casos de modalidade e de modalização e modulação elucidaram um forte contraste na construção das personagens Peter e Jerry: este, apesar de sua condição social desfavorável, mostra-se seguro de si; aquele, que leva uma vida acomodada, demonstra certo desconforto e hesitação diante

dos questionamentos de sua contraparte, e é convidado à reflexão principalmente após o desenlace trágico da peça.

O recurso a orações projetadas e principalmente a metáforas mostra que, por mais que o uso da língua possa ser sistematizado, ele nem sempre é previsível. No caso do texto trabalhado aqui, a peça de *The Zoo Story*, a incidência de diálogos, que buscam imitar a língua falada, foi a motivadora da ocorrência desses usos linguísticos.

Finalmente, as manifestações das personagens no plano físico, através da quantificação dos tipos de processos associados a elas, serviram para mostrar as atitudes de cada uma com relação a sua contraparte, atitudes essas nem sempre manifestadas verbalmente, daí a utilidade de observar os processos que guiam as rubricas do texto.

É importante lembrar que a LSF constitui apenas uma abordagem ao estudo e análise do texto literário, contando com vantagens e limitações. Não obstante, o modelo da LSF tem-se mostrado útil e produtivo para esse fim.

Referências

- ALBEE, E. *The American Dream and The Zoo Story*. Nova Iorque: Plume, 1997.
- FEITOSA, M. *Uma proposta de anotação de corpora paralelos com base na Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, 2005.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado das Letras, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIessen, C. M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4ª edição. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.
- MATTHIessen C. M. I. M.; LAM, M; TERUYA, K. *Key terms in systemic functional linguistics*. Londres: Continuum, 2010.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Abordagens discursivas dos estudos da tradução. *Polissemia*, n. 6, p. 41-63, 2006.
- THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. Londres: Arnold, 2004.